

---

# MEMÓRIAS DO VAREJO OU A EDUCAÇÃO DAS COISAS

*Carlos Roberto de Carvalho\**

## RESUMO

Este texto trata de uma reflexão sobre o consumo e a construção das identidades individuais e coletivas que vamos desenvolvendo enquanto consumidores de coisas. Nossa intenção primeira é contar, a partir de nossas próprias memórias de consumo, como nós – e por extensão os demais homens – vamos sendo educados e se auto-educando no mundo povoado de coisas que travamos contato ao nascer. Nossos escritos visam contribuir para reflexão sobre a educação e a formação das crianças que, segundo nosso entendimento, são as mais permeáveis às influências do mercado e ao fetiche das mercadorias.

**Palavras-chave:** memória, história, consumo, identidade.

*Tudo o que não temos ao nascer e de que precisamos quando grandes nos é dado pela educação.  
Essa educação vem-nos da natureza, ou dos homens ou das coisas.*

J.J Rousseau

## NOTAS PRELIMINARES (1)<sup>1</sup>

**Memórias:** Narrações históricas escritas por testemunhas presenciais. Memorial. Escrito em que alguém conta a sua vida.

**Varejo:** Questões do dia-a-dia; coisas ou assuntos de menor importância. Atividade comercial de venda de produtos ou serviços feita diretamente ao consumidor final. Comércio de mercadorias em pequenas quantidades. Local em que se pratica esse comércio.

**Educação:** Ato ou efeito de educar(-se). Processo de desenvolvimento da capacidade física, intelectual e moral da criança e do ser humano em geral, visando à sua melhor integração individual e social. Conhecimentos ou as aptidões resultantes de tal processo; preparo. O cabedal científico e os métodos empregados na obtenção de tais resultados; instrução, ensino. Aperfeiçoamento integral de todas as faculdades humanas. Conhecimento e prática dos usos de sociedade; civilidade, delicadeza, polidez, cortesia.

**Coisa:** Aquilo que existe ou pode existir: Objeto inanimado. Realidade, fato. Negócio, interesse. Empreendimento, empresa. Acontecimento, ocorrência, caso. Assunto, matéria. Causa, motivo. Mistério, enigma. Perda dos sentidos, ou mal-estar ou indisposição indeterminada; troço.

## NOTAS PRELIMINARES (2)

Embora nosso texto esteja construído em fragmentos, não pretende ser um texto fragmentado. Pretendemos que nele possa haver uma coerência interna, uma seqüência, ainda que, não linear entre as partes. Ao construí-lo desta forma, nossa intenção foi a de permitir ao leitor ou leitora

---

\*Doutor em Educação pela UFF. Professor da Universidade Estácio de Sá.

<sup>1</sup>As notas preliminares (1) baseadas nos verbetes adaptados do Dicionário Aurélio.

---

uma certa margem – já que as palavras impressas nele o condicionam, mas não o determinam – de liberdade e autonomia de ação.

Concebemos o texto e a sua leitura como um sítio de apropriações, uma fronteira sempre contestada onde algo possa emergir sem ser previsto, antecipadamente, pelos "donos" do lugar. Segundo De Certeau (1996), há um Senhor que traça seus planos, suas estratégias de convencimento e argumentos, impõe a sua lei. Nossa concepção de texto, contudo, supõe a eliminação deste Senhor de poder e querer.

Mais que proprietários, colocamo-nos como sujeitos circulando entre outros sujeitos que, por sua vez, circulam/circularam/circularão entre tantos outros. Mais que ditar leis, impor regras e procedimentos metodológicos de leitura e de escrita, buscamos o diálogo na polifonia das vozes e na polissemia dos termos.

Visto desta forma, sugerimos<sup>2</sup>, para este texto, uma leitura indiciária e híbrida (um certo mulatismo literário) em que nós<sup>3</sup> possamos ser concebidos como passantes que, ao passar, fabricam com (e a partir dele)<sup>4</sup> outros argumentos, outros desenhos, outros objetos, outras palavras – com múltiplas e sempre complexas táticas.

Que possamos, enfim, habitar o texto com nossas práticas de consumo, resistência, aproximações, distanciamentos e estranhamentos. É, pois, sua leitura – conforme a maneira de sua escritura – uma operação sobre o tempo, ao sabor da ocasião e dos momentos enunciativos.

Sendo uma vitória do tempo sobre o espaço, o texto deixará de ser a propriedade privada de um senhor<sup>5</sup> para ser um território contestado pela comunidade dos leitores e ou das leitoras. Possesores que, de golpe a golpe, lance a lance, invadem-no para, dele, tirar proveito, tomar partido, cobrar direitos, depor usurpadores e impostores.

Contra as leis dos proprietários, levantaremos o coro das vozes ultrajadas pelo silêncio – toda e qualquer forma de propriedade privada é um roubo!<sup>6</sup> Leitores e/ou leitoras de todo o mundo uni-vos!<sup>7</sup> Pela livre interpretação dos textos!<sup>8</sup> Pela liberdade do leitor ou leitora!<sup>9</sup>

A leitura não é, pois, uma simples atividade, mas antes uma ação dramática entre dois ou mais sujeitos, que dialogam e se hibridizam, se amam, se odeiam, enfim, se revelam em suas ambivalências. Não importa qual relação é estabelecida entre eles. Mediados pela palavra escrita vivem uma experiência social, política, econômica, histórica, poética.

Assim como concebo a leitura também e concebo a minha escrita. Portanto, lembrando-nos do que nos ensinou Goethe em seus “Escritos sobre a literatura” (2000:26), “não esperem que eu escreva muito e ordenadamente, a quietude da alma não é nenhuma roupa de festa”.

---

<sup>2</sup>Que esta sugestão não seja encarada como lei imperativa e coercitiva, mas como uma das muitas possibilidades de se ler e de se inventar leituras.

<sup>3</sup>Eu e seus prováveis leitores e leitoras.

<sup>4</sup>Ainda aqui ajudado por De Certeau.

<sup>5</sup>Clérigos, professores, filósofos, cientistas, críticos, enfim, todos os funcionários da cultura e da política que permanentemente ficam de plantão e vigilância e que se autodenominam intérpretes da linguagem e de seus símbolos.

<sup>6</sup>Pierre Joseph Proudhon.

<sup>7</sup>Marx e Engels.

<sup>8</sup>Lutero.

<sup>9</sup>Pennac.

---

## 1.

O texto que ora apresentamos diz respeito à memória que vai e esta guardada nos usos e nos consumos das coisas que nos cercam, nos invadem, nos penetram e nos educam no varejo dos dias.

São memórias, pois, de consumidores das mídias, dos rótulos, das etiquetas que na vida prática cotidiana vão construindo visões de mundo, identidades individuais e coletivas sem mesmo o saber, feito um saber não-sabido – uma presença invisível – porque naturalizada pelos nossos hábitos, costumes e estilos de vida.

Comprei isto! Vista aquilo! Beba! Use! Abuse! – Gritam os cartazes, os anúncios da imprensa falada e escrita. Mil rótulos coloridos nos convidam, nos convocam ao consumo, nos prometendo a vida, ao paraíso, ao sucesso, a fartura!

Seja isto! Seja aquilo! Seja forte, Inteligente e lindo! Tudo, assim, em exclamação e nunca em pergunta! O mercado não tem dúvidas. O mercado é de pura fé. Fundamentalista: amai as coisas sobre todas as coisas.

Tudo é, ou pode vira-ser, vira-ter. Vale tudo! Tudo vale! Vale quanto custa! De modo que do homem, nos afirmaria Brecht, não podemos saber mais nada, a não ser seu preço. Quanto vale o homem? O homem custa tanto quanto consome. Custa peso de ouro, quilogramas de mercadorias.

O homem é seu talão de cheques, seu cartão de crédito, seu automóvel, seu terno, sua gravata, seu perfume, seu sapato. O homem, enfim, é o que come e o que veste. Quem não tem não é. Quem não tem não tem cidadania. Simplesmente não existe, só como possibilidade.

No imperativo do mercado que presidem nossas vidas, as coisas são nossa pele, nosso currículo. Somos aquilo que consumimos ou que desejamos consumir, e também o que não-consumimos.

Mas não pense meus caros leitores e leitoras que sou um materialista insensível que não pensa que a vida também é espírito, alma, poesia, interioridade, solidariedade. Ao contrário estou entre aqueles capazes de desfazer de tudo, de negociar tudo para obter, como Ricardo III, minha felicidade, minha fuga que possa me trazer ao território de mim.

“Meu reino por um cavalo!” – É o que sempre me grito todos os dias no meio desta balbúrdia, desta batalha, deste mercado de trocas, de compra e de venda que se tornou o mundo e que faz, de todo mundo, uma coisa entre a demais coisas, um suporte de mercadorias: xampu, dentifrício, desodorante, perfume, comida e notícia. Notícias que não lemos para não acabar com nossa alegria, com nossa ilusão: a de que, um dia, todos terão o mesmo quinhão que ora desfrutamos, e gozamos, talvez, por pura sorte.

Lançado entre coisas, mais que saldá-las ou reclamá-las trata-se de reconhecer que as coisas materiais são partes constituintes da nossa condição humana. Que sem elas, a vida humana não poderia se reproduzir nem permanecer na face terra. Que as coisas, assim sendo, não são apenas coisas, são políticas, são ideologias. E que, alguns, de modo delicado e sutil definem como estilo de vida, como estética, e nunca como questão ética.

Mas como podemos – lembramo-nos aqui de Brecht – comer e beber, se a comida que comemos tiramos de quem tem fome? Se a água que bebemos, tiramos de quem tem sede? Que o perfume que usamos, usamos apenas para disfarçar o mau cheiro que exala dos becos das ruas povoadas de vadios, miseráveis, famintos, maltrapilhos e feridos no corpo e na alma.

O fato é que enquanto consumidores, só podemos beber, comer e vestir-se com base nestes esquecimentos: de que os outros se encontram necessitados enquanto nos fartamos à beça, sem culpas, sem pecados e sem rugas de preocupação.

---

O problema não está nas coisas que usamos ou que deixamos de usar, adquirir. O problema está na hipertrofia do uso, na crença falsa que sem elas, e consumidas em demasia, não poderíamos ser de modo algum; de que ter é ser.

Vinte pares de sapatos enquanto outros homens sem nenhum. Três ou quatro televisores: no quarto, na sala, no banheiro na cozinha, e cada um vendo a sua novela que nos promete amores, sexo, beleza, glamour. Um computador para cada membro da família, mas ninguém se comunica, só se for via Internet, e-mail, MSN, Orkut e etc. Mil vestidos para os trezentos e sessenta e cinco dias, seis horas, nove minutos e dez segundos, enquanto outros andam nus ou cobertos de farrapos a cada minuto, a cada segundo.

O problema não está nas coisas, mas na sua economia, na distribuição e repartição delas. Na indiferença daqueles que podem consumir enquanto outros mal sobrevivem – pobres lázaros – comendo os que lhes lançam nas latas de lixo dos territórios baldios de cada grande cidade, de cada aldeia ou de cada esquina.

## 2.

Era aquele tempo muito distante, mas não tanto o quanto nos parece. Distante sim, das profusões das imagens com as quais estamos tão acostumados e “poluídos”. Era tempo de vitrola, de disco de vinil, de rádio de pilha, de Cuba-Libre, de Fogo Paulista, de calça *Lee* e de *bluejeans*. Tempos *blues*: *Beatles*, *Rolling Stones*, *Rock-roll* e *Twist*. Tempo analógico, do *click-click!* – E nunca do *zoomp-zoomp-zim* das novas máquinas fotográficas-celulares.

Tempo-miúdo que se apreende no vento das coisas: fotografias, rótulos, vidros de perfumes, de remédios, cadernos, utensílios, talheres, bibelôs, discos, anúncios, notícias, pôsteres e uma série de outras quinquilharias que se fabricam, se usam e não se usam.

Jogo da memória: Tá dentro! Tá fora! Quem não presta vai embora!

É no vagar por entre estes pequenos monumentos – túmulo e berço da cultura dos *usos* – que este texto mergulha para buscar nas sombras dos escolhos, o tempo de nossa memória.

Nossas convicções varejeiras, portanto, não se apóiam somente nas coisas do espírito que, porventura, poderiam nos levar a deriva, mas, antes, naquilo que os homens de ciências – marujos mais experimentados – já nos narraram de suas viagens ao mundo das coisas e que nos deixaram registradas em seus portos-livro.

Conta-nos eles: na parte é possível encontrar o todo<sup>10</sup>; o objeto é relacional, se materializa nas relações sociais, econômicas e políticas<sup>11</sup>. Todo objeto é um signo ideológico<sup>12</sup>.

Nas malhas de nossas redes, colar de pérolas, bijuterias, Companhia das Índias ou louçaria barata têm o mesmo valor heurístico. Valem quanto pesam, quanto custam, enquanto se usam. Todas, sem exceção, são coisas que servem para contar, inventar e lembrar histórias.

---

<sup>10</sup>Durkheim.

<sup>11</sup>Bourdieu.

<sup>12</sup>Bakhtin.

---

Não será a nobreza dos objetos<sup>13</sup> que nos importará, mas a relação significativa que estabelecemos com eles<sup>14</sup>, no ajuste de contas com nosso passado<sup>15</sup>.

Neste mar de histórias que se prometem, mais que marinheiros, somos catadores de lixo. Lixo que vamos recolhendo com nossa frágil barquinha. Barquinha de papel em que toda memória se dobra, se desdobra – às vezes flutua, às vezes afunda, às vezes voa como as gaivotas.

Entre achados e perdidos lançamos nossas redes junto às ilhas de nossas recordações liquidadas para fazer pescaria do tempo. Captar na alma das coisas a cadeia dos acontecimentos históricos<sup>16</sup> que nos fizeram ser um eu entre outros *eus* – uma imagem pública que pendula entre o *ser e o parecer*.

Admirando-as de perto, essas coisas-pérola, percebemos através delas que não nascemos apenas em um reino moral<sup>17</sup>, mas, antes, num reino de coisas. Percebemos que foram elas – e não outras – que nos nutriram e nos vestiram, nos adornaram, nos curaram, nos perfumaram, nos educaram, nos distraíram na aventura da vida cotidiana. Percebemos, ainda, que sem elas não poderíamos ter sido homem algum, homem nenhum. Somos, sobretudo, o que comemos, o que vestimos. Somos *no e pelos* nossos usos. A essência é a aparência. A imagem é a coisa em si.

Mas, contudo, entretanto, não pensem que somos materialistas: somos por demais místicos, religiosos e católicos para pensar, assim, deste modo tão ateu, tão fetichista. Apenas estamos reconhecendo o óbvio: de que ninguém pode *ser* sem ter o mínimo – o mínimo com que possa sustentar-se na face do mundo.

Não precisaríamos ler Marx, tampouco Hobbes, para sabermos que a luta que se faz primeiro é pelas coisas brutas, e que só depois passamos às espirituais. Não só eles, mas toda a ciência nos fala desta prioridade. A antropologia, a sociologia e a biologia, por exemplo, já nos ensinaram a ver que, sem elas (as coisas brutas), a existência humana é impossível. Que, sem elas, homem algum pode subsistir.

História, então, que remonta às cavernas. História cumprida que Hannah Arendt em a “Condição Humana” nos dá notícias.

(...) Tudo o que espontaneamente adentra o mundo humano, ou para ele é trazido pelo esforço humano, torna-se parte da condição humana. (...) a existência humana seria impossível sem as coisas, e estas seriam um amontoado de artigos incoerentes, um não-mundo, se esse artigos não fossem condicionantes da experiência humana.<sup>18</sup>

Cuidemos, então, das coisas miúdas, das coisas brutas que compõem a paisagem do mundo. Coisas sem as quais todo e qualquer discurso e a própria vida humana seria um completo absurdo, um não-mundo, porque sem sentido e que faria de todo homem um “macaco nu”<sup>19</sup>.

---

<sup>13</sup>Bourdieu.

<sup>14</sup>Bakhtin.

<sup>15</sup>Benjamim.

<sup>16</sup>Idem.

<sup>17</sup>Durkheim.

<sup>18</sup>Arendt, 2003: 17.

<sup>19</sup>Huxley.

---

### 3.

Destas coisas miúdas têm se ocupados ilustres pesquisadores: Thompson, Ginzburg, Certeau, Bakhtin. São eles, entre tantos outros, que têm nos aberto os olhos e para esses imensos cardumes aparentemente sem história, mas que, não obstante, são os suportes, os motores de todos acontecimentos cotidianos: comprar-vender, acumular-guardar, descartar: consumir-viver, conviver, viver.

Brecht também se ocupou do tema. Em vários de seus poemas pode se ouvir a voz emudecida dos homens *ordinários*: dos pedreiros e carpinteiros de Tebas das Sete Portas; dos soldados de Aníbal e de Alexandre; dos marinheiros de Felipe II de Espanha. Brecht, amigo de Benjamim, também sabia que a história pode ser lida a contrapelo, pelas quinquilharias que se amontoam ao pé do Anjo de Paul Klee.

Estas histórias miúdas existem, existiram e existirão sempre nas coisas: nas pontes, nos frontispícios dos templos, nas calçadas das ruas, nas pirâmides do Egito, no Taj-Mahal, na capela Cistina entre muitos outros monumentos em que se celebra o esplendor e a barbárie.

Existem, sobretudo, nas miudezas cotidianas, quase imperceptíveis: numa dobra de calça, numa aba de chapéu, num nó de gravata, numa bainha de vestido, numa pronúncia, num sotaque, num provérbio, numa lágrima, numa piada, baste que, para isso, prestemos atenção aos detalhes<sup>20</sup>.

Encontramo-las também nos espaços-tempo da cidade: nos sebos, nas lojas de antiguidade, nos bazares de caridade, nos cemitérios, nos guarda-vestidos, nos guarda-louças, nas conversas de rua, nas esquinas que se dobram, nos botequins que se comemoram os dias que se finam e em muitos outros lugares que a vida cotidiana murmura maculada pelos usos, desusos e abusos.

Contar histórias a partir desses indícios, mais que um exercício de recordação mecânica, significa o momento de ressurreição da consciência individual e coletiva de uma geração. Histórias banais que nos fazem perceber que, de tudo que nos passa ou nos passou, ficou um pouco: às vezes um botão, um rato, um pedaço de tecido roto, um pingüim, um broche, um enfeite de nada que pode vir a ser tudo, possibilidade: lembrança de nossa mãe, festa de aniversário, formatura, casamento, batizado – Sobretudo imagens do tempo que se encontram acumulado nas coisas. Resíduos.

### 4.

Dentre essas quinquilharias que se acumulam no pó do *espaço-tempo* de cada vida que se enfuna, as fotografias são documentos eloqüentes. Elas nos informam que o tempo que nos passa, é de eterna novidade, que a vida é sempre constante fluir. Que o que foi ontem, amanhã não mais será.

Elas, as fotografias, podem nos fazer ver – se comparada a outras – o quanto nos parecemos com o tempo; que somos causa e conseqüência de sua obra. No exame destas, havemos de perceber um certo tipo de gosto e jeito de viver de uma época, um certo tipo cabelo, de penteado, de maquiagem, de padronização: o mesmo comprimento das roupas, abaixo ou acima dos joelhos. O mesmo sorriso, a mesma pose, os mesmos costumes, a mesma máscara social.

*O mesmo, mas não exatamente*: homens com bigodes, sem bigodes; de óculos, sem óculos; de chapéus sem chapéus. Mulheres com bordados, sem bordados; com laquê, sem laquê; com saias justas ou rodadas, coloridas, lisas; calças compridas, justas, largas; sapatos de salto, sandálias, tênis,

---

<sup>20</sup>Ginzburg.

---

alpercatas e uma infinidade de outros pequenos detalhes que nos permitem ajuizar, apontar com o dedo: esta foto aqui, é dos anos 50. Esta outra, da década de setenta. Aquela ali, dos anos oitenta e, assim, *ad infinitum*.

As fotografias são, pois, chaves com as quais podemos abrir as escotilhas do nosso tempo para falarmos dele, revivê-lo. Tempo sempre vivo e povoado de lembranças das coisas presentes, passadas e futuras que em nossa memória se misturam, fazendo guisado de gente<sup>21</sup>.

Somos todos, de algum modo, diante de uma caixa de retratos antigos, um *Caminha romântico*; um historiador de histórias apócrifas cujos livros oficiais não cuidam de editá-las. É para essa história quase sem importância que, agora, apontamos a agulha de nossa bússola<sup>22</sup>.

## 5.

Contarei história que se sucedeu comigo. Vista com meus próprios olhos e ouvidos que um dia a terra hão de comer, mas que não seja já.

É uma história pouca, ordinária – destas que não valem uma página em jornal de província. É história que para alguns parecerá sem sentido. Mais que história, é memória, imaginação em que se misturam os fatos verdadeiros aos fatos-mentira. Mais que historiador, pescador. Parodiando ao poeta, afirmo que noventa por cento dela será pura invenção e só dez por cento, mentira<sup>23</sup>.

Não pensem que quero fazer galhofa em espaço que tanto preza a nobreza da verdade e a justeza dos fatos. Coisas estas com as quais estou plenamente de acordo, mas não completamente. Penso que, quando tentamos escritas, será sempre necessário fazer furo nas certezas, acrescentado nelas nossas subjetividades, idiosincrasias, nossas derivas.

O fato é que aprendi com Viera, em a “História do futuro”, o quão difícil é, e até mesmo impossível, escrever objetivamente, isto é, sem misturar, naquilo que se escreve, as penas e as cores de nossos afetos. Eis o que o padre nos ensina a respeito da escrita da história.

Que historiador há ou pode haver, por mais diligente investigador que seja dos sucessos presentes ou passados, que não escreva por informações? E que informações há-de haver que não vão envolvidas em muitos erros, ou da ignorância, ou da malícia? Que historiador houve de tão limpo coração e tão inteiro amator da verdade, que o não inclinasse o respeito, a lisonja, a vingança, o ódio, o amor, ou da sua, ou da alheia nação, ou do seu ou de estranho príncipe? (...) Todas as penas nasceram em carne e sangue, e todos na tinta de escrever misturam as cores do seu afecto. Quem quiser ver claramente a falsidade das histórias humanas, leia a mesma história por diferentes escritores, e verá como se encontram, se contradizem e se implicam no mesmo sucesso, sendo infalível que um só pode dizer a verdade e certo que nenhum a diz<sup>24</sup>.

---

<sup>21</sup>Segundo Chauí (2002: 130) “A memória não é um simples lembrar ou recordar, mas revela uma das formas fundamentais de nossa existência, que é a relação com o tempo, e no tempo, com aquilo que está invisível, ausente distante, isto é, o passado. A memória é o que confere sentido ao passado como diferente do presente (mas fazendo ou podendo fazer parte dele) e do futuro (mas podendo permitir esperá-lo e compreendê-lo)”.

<sup>22</sup>Pedimos “licenças” ao leitor e/ou leitora para mudar de pronome e não de nome, gostaria de escrever na primeira pessoa do singular — ao invés de nós, eu.

<sup>23</sup>Alusão aos versos do poeta Manoel de Barros.

<sup>24</sup>Vieira, 1992, p. 152.

---

Meu relato é coisa de memória e como tal, contará apenas o que foi guardado na mente como coisa significativa e afetiva que tem ou teve algum valor para mim.

Dado seu caráter particular, a muitos, ele poderá parecer tolo e sem sentido. Mesmo correndo o risco do ridículo, estou convicto que nada, conforme Benjamim, que foi está perdido para história. Que toda coisa, por mais insignificante que ela seja ou possa nos parecer, terá, um dia, sua festa de ressurreição.

## 6.

Venho de um tempo que as coisas eram feitas para durar um tempo maior do que duram hoje. Tempo dos guardanapos de pano combinando com a toalha, xícaras de porcelana, copos de vidro ou de cristal, automóvel, geladeira, máquina de lavar e batedeiras de bolos feitas para durar. Tempo da geléia de mocotó, de Bebe Johnson, de fraldas de pano. Tempo sem detergente – tempo gorduroso – que a velha água sanitária, o sabão de coco e a Pasta Rosa davam conta do serviço doméstico. Tempo que a dona de casa não precisava ir para ginástica para controlar o peso ou fazer lipoaspiração. Tempo sem bulimia e que as sobremesas e o pão com manteiga eram sempre bem-vindos.

O leite era entregue em garrafas de vidro que o leiteiro deixava à nossa porta todas as manhãs. Deixava as cheias e levava as vazias. O leite sempre corria risco de azedar e a mulheres – conta-nos às crônicas da vida – de nos trair com o dito leiteiro. Tempos de traições, mas que os casamentos eram para sempre, mas não tão para sempre assim...

O certo é que depois, muito depois, para tranquilidade dos ciumentos maridos, apareceu o leite em saquinhos, pasteurizado e em caixas hermeticamente fechadas a vácuo, com rótulo de alguma empresa multinacional que havia comprado toda a produção leiteira – interferindo, desta feita, na antiga *Política do Café com Leite* e também no nosso inocente e quase bucólico café da manhã.

Estas multinacionais que, pouco a pouco, adentraram no mercado leiteiro, trazendo “o progresso”, mas nunca as ordens para o país, passaram a nos oferecer o leite em uma gama quase infinita de tipo e gênero. Temos o Diet, o Light, o Zero Colesterol, o sem lactose, os enriquecido com vitaminas a ABCD...Z, um abecedário completo. Temos também leite de tudo quanto é preço para atender as exigências e necessidades das classes B, C e D. Só não bebe quem não quer, quem não pode comprá-lo ou não consegue entrar num destes programas sociais de “vale leite” na “nova” política do vale tudo por um voto.

O leite agora não é só mercadoria, é política social, é programa do governo federal, estadual, municipal. Ele é, sobretudo, um estilo de vida capaz de fazer toda a família feliz: o bebê forte e gorducho; o papai sem colesterol e a mamãe magrinha e linda com uma Gisele Bündchen.

## 7.

Venho também do tempo do rádio. Embora televisão já existisse, a maioria ouvia mesmo eram os programas de rádio: Jerônimo, Moleque Saci, Tio Janjão, Repórter Esso, Hora do Brasil e novelas. Histórias que sempre nos faziam decidir entre o bem o mal e que os bons sempre venciam. O final era sempre o mesmo: a mocinha nos braços do mocinho e o herói triunfando sobre o vilão e a sua vilania. Era também o tempo do cinema, e não do vídeo.

---

Quase sempre íamos ver as “fitas” de Bang bang de que meu pai era fã incondicional. Meu pai gostava muito do ator John Wayne que marcou várias gerações de cinéfilos, com seu tipo machão e de bom *cowboy* americano. Bastava ter um filme dele que lá estava meu pai na primeira fila com todos os filhos. E, se não for exagero, acho que vi uns trinta filmes com Wayne.

Dos muitos que assisti, de um, jamais me esqueço chama-se “No tempo da Diligências” dirigido pelo não menos famoso John Ford – um clássico do gênero que transformou o dito ator em verdadeiro astro.<sup>25</sup>

Mas não via só filme de Western. Assistia também Chaplin com seu inesquecível Carlitos de chapéu coco, calças frouxas e bengala. As comédias da Atlântida com Oscarito e Grande Otelo que com seus trejeitos, caras e bocas, fazia-nos morrer de rir. Depois vieram outros que escolhíamos por conta própria, desde Ingmar Bergman até os mais escusos, nas ditas sessões só para homens em que “filhas de famílias” estavam proibidas de frequentar.

Era também o tempo das praças que todo povoado ou município que se prezasse havia de ter uma, e com tudo que convinha a um logradouro público: coreto, bancos, canteiros de flores, charfariz com anjinhos fazendo “pipi” e busto de algum santo, herói nacional ou morto ilustre. Era aí, e não no Orkut, que íamos conversarmos com os amigos e “paquerar” as meninas que circulavam de lá para cá nas tardes de sábados e domingos.

Vendo-as assim desfilar por entre as flores municipais, não eram elas somente que víamos, mas outras. Víamos nelas e através delas as mulheres de hollywood. Em uma versão bem tupiniquim, traduzíamos aqueles corpos em corpos de Gretas Garbors Katherines hepburns, Brigites Bardots Marilyn Monroes e Sofias Lorens.

Nossas ilusões vespertinas nos força reconhecer que foi no cinema produzido por hollywood que tivemos as nossas primeiras lições de amor e nos tornamos exigentes estetas do sexo oposto. Queríamos ser fortes como John Wayne e Charton Reston; charmosos como Cary Grant e Alain Delon; ágeis e hábeis como Fred Aistaire.

## 8.

O pequeno museu imaginário que acabamos de enunciar não é apenas um desfiar de coisas que fazemos para satisfazer o ego, mas, antes para pensar a educação das crianças e jovens que, no nosso ponto de vista, são os mais permeáveis às modas e aos consumos das imagens.

Desconfio que o simples enumerar das coisas já possa, por si mesmo, nos ensinar algo sobre a educação. Ou seja: que os produtos que consumimos na banalidade dos dias são mais que simples e inocentes mercadorias. Ao contrário, eles nos impõem valores e padrões de conduta que não percebemos no exato momento que as elegemos ou que somos eleitos por elas. Suposição que nos autoriza a dizer que as coisas, mais que nos mostram o mundo, nos educam, nos ensinam um modo de viver e estar nele.

E o que nos ensinam as coisas? Ensinam-nos a sorrir, a amar, a andar, a nos vestir como nossos ídolos. Ensinam-nos o sucesso, a beleza, nos prometendo amores eternos em ilhas paradisíacas da revista “Caras”. Ensina-nos também – pela ausência – a ver a indecência de milhares de bocas sem dentes e sem dentista que não podem beijar ou mastigar a pouca comida e tampouco passe-

---

<sup>25</sup>Filme que hoje sei nada favorável à causa indígena que eram vistos como maus e por isso morriam como formigas.

---

ar em belos jardins. Ensina-nos, enfim, que a vida é sem *fair-play*, sem sorriso; que a vida é cheia de cáries, dores de dentes e sem tapetes. Que as férias de uns são pagas pelo sacrifício de muitos.

Ah! Quantas coisas podem nos revelar a pedagogia das imagens. Se passarmos a escová-las a contrapelo, toda imagem é dupla, é negativo de si mesma. É neste sentido fotográfico do termo que emprego a palavra revelar. Revelar, então, não é mostrar o que se oculta, mas intervir na superfície daquilo que se mostra como ideal e estável, real. Ver no visível, o invisível – e vice-versa.

Enfim a imagem, como todo e qualquer objeto que focamos em nossas análises, é relacional, não pode ser vista ou sentida fora das redes de sentido, fora da política, fora da sociedade. Vista como objeto relacional e duplo, toda imagem pode ser vista ao como superfície que reúne ao mesmo que espalha e dispersa os sentidos.

Nelas aprendemos e apreendemos quase tudo: a beleza, a feiúra, a justiça, a ética, o amor, as virtudes e os vícios. Aprendemos ainda a tecnologia e a ciência que estão nelas embutido, aprendemos suas metáforas.

O fato é que não bebemos, comemos, vestimos, assistimos apenas as coisas, nós usamos as coisas pelas imagens que elas nos sugerem e que nós também emprestamos a elas. É no uso que fazemos delas que vamos, aos poucos e a cada dia, nos constituindo, nos filiando a um estilo de vida, a um determinado tipo de homem ou mulher que desejamos ou imaginamos ser.

É verdade, as imagens nos imaginam e nós nos imaginamos nela. Conforme Bakhtin, quem tem olhos de ver que veja, então,

Os sinais visível, mais complexo, do tempo histórico propriamente dita, nas marcas visíveis da atividade criadora do homem, nas marcas impressas por suas mãos e por seu espírito: cidades, ruas, casas, obras de arte e de técnica, estrutura social e etc<sup>26</sup>.

---

<sup>26</sup>Bakhtin 2000: 243.

---

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

*De livros mesmo não cuidei de nenhum, cuidei de memória das lembranças deles, das marcas que eles imprimiram em mim.*

- ANDRADE, C. D. *Poesia completa e prosa (volume único)*. Rio de Janeiro, Cia. José Aguilar Editora, 1973.
- BAKHTIN, M. *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo, Editora Hucitec, 1992.
- BENJAMIN, W. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo, Brasiliense, 1994.
- BHABHA, H. K. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte, UFMG, 1998
- CERTEAU, M. de. *A invenção do cotidiano: artes de fazer*. Petrópolis: Vozes, 1994.
- GINZBURG, C. *Mitos emblemas e sinais: morfologia e história*. São Paulo, Companhia das Letras, 1989.
- SANTOS, B. S. 1997 *Um Discurso sobre as ciências*. Porto : Afrontamento.
- VIEIRA, A. 1992 *História do futuro*. Lisboa: Imprensa Nacional / Casa da Moeda.

### **RÉSUMÉ**

*Ce texte traite d'une réflexion sur la consommation et la construction des différentes identités personal et collectif que nous allons construire tout en consommant des choses. Notre première intention est de compter, de nos mémoires appropriées de consommation, en tant que nous – et pour la prolongation le trop de des hommes – allons être des educandos et si automobile-instruisant dans la ville du monde des choses que nous arrêtons le contact à se lever. Notre écritures visent à contribuer pour la réflexion sur l'éducation et la formation des enfants qui, selon notre point-de-vue, sont perméables aux influences du marché et du fetiche du vend.*

**Most-cles:** *mémoire, histoire, consommation, identité.*